> O *Livro da transformação de Fortuna*, de Christine de Pizan

> The *Book of Transformation of Fortune*, by Christine de Pizan

por Ana Rieger Schmidt

Professora do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutora em História da Filosofia Medieval pela Universidade de Paris-Sorbonne IV. E-mail: ana.rieger@gmail.com. ORCID: 0000-0001-6969-2867.

> Tradução recebida em 05.06.2020 e aceita em 23.06.2020.

Introdução

Christine de Pizan (ou Cristine de Pisan) nasce em Veneza em 1364. Com quatro anos de idade, muda-se com sua família para Paris, onde seu pai, Tommaso de Pizzano, trabalharia na corte do rei Carlos V. A morte inesperada de seu marido, Etienne Castel, em 1390, pouco após a de seu pai, marca profundamente sua trajetória. Pizan escolhe não casar novamente e busca o sustento através da escrita – de fato, ela é conhecida como a primeira escritora profissional no Ocidente, escrevendo prolificamente em diferentes gêneros – em prosa ou em verso – e sobre temas diversos, que incluem o amor cortês, filosofia, história e política. Além disso, a obra de Pizan é, hoje em dia, conhecida especialmente pela defesa do sexo feminino contra a misoginia de seu tempo.

Escrito em 1403, o *Livro da transformação de Fortuna* é a obra mais longa de Pizan, no qual a autora mescla elementos autobiográficos com a história da humanidade, desde a criação do mundo, passando pela guerra de Troia e pela ascensão do Império Romano, até o reinado de Carlos VI da França. Os eventos são narrados como submetidos às operações de Fortuna, figura alegórica recorrente na literatura medieval, também presente na *Consolação da Filosofia* de Boécio e no *Romance da Rosa*, de Jean de Meun – fontes maiores da obra da autora. Fortuna personifica o acaso e o destino que fogem ao nosso controle, causando injustiças ao mesmo tempo que oferece conforto e aprendizado.

A primeira parte da *Transformação de Fortuna* (que traduzimos parcialmente aqui) descreve o processo que levou Pizan, viúva, a se tornar uma escritora. Esse processo é narrado através de uma alegoria intrigante: depois da morte de seu marido, Pizan sofre uma metamorfose dramática, quando Fortuna

a transforma em um homem. Os comentadores de sua obra frequentemente se debruçam sobre essas passagens, procurando compreender o sentido preciso dessa mudança de sexo. Para além da construção literária, interessa-nos a realidade social ali refletida. Segundo Pizan, assumir a identidade de uma mulher escritora e provedora implica assumir uma autoridade masculinizante. A clara referência ao *topos* da *virago*¹ vem acompanhada de uma reflexão sobre as dificuldades para a sociedade medieval acomodar uma mulher em um papel reconhecidamente transgressor para seu gênero. Cabe notar, no entanto, que essa transformação, embora radical, não implica a perda da identidade de Pizan: ela preserva seu nome e memória. Isso significa que a transformação não é apresentada como contrária à sua natureza², mas se limita ao corpo de Pizan, numa adaptação exigida pela sua própria sobrevivência.

¹ Uma *virago*, do latim *vir* (“homem”), é fundamentalmente uma mulher capaz de realizar atos extraordinários “dignos de homens”. Na literatura, a palavra designa frequentemente heroínas e Amazonas. Giovanni Boccaccio, em seu *De mulieribus claris* – que é uma fonte importante para Pizan – louva mulheres que foram *viragos*, isto é, superaram as limitações de sua natureza feminina.

² Cf. Earl Jeffrey Richards, *Virile Woman and Womanchrist: The Meaning of Gender morphosis in Christine*, In: Etudes Eric Hicks, 2001, p. 239-252.

Tradução³

O Livro da transformação de Fortuna, Parte I

I. Aqui inicia o Livro da transformação de Fortuna

vv. 1-17

Como será possível para mim, simples e pouco inteligente que sou, expressar propriamente aquilo que não podemos bem avaliar e tampouco bem compreender? Não, ainda que o homem possa muito apreender, não poderia descrever completamente o que eu realmente gostaria de escrever. São tantas as variedades, grandes adversidades particulares (além de pesados fardos), causados pela influência mutável de Fortuna decepcionante, a qual opera através de seus excessos, que é verdadeiro abismo, sem falhar.

vv. 18-29

Como poderia, assim, iniciar tão grande obra? Como descrever o obscuro poder de sua dissimulação? Seria difícil que eu falasse dessas coisas satisfatoriamente neste momento, com tão pequena inteligência, quando muitos homens de valor

³ Nossa tradução foi feita a partir da edição em francês médio de Suzanne Solente, à qual correspondem a numeração dos versos. Procuramos prezar pelo sentido do texto em detrimento da manutenção da rima e a métrica dos versos. Foi consultada como suporte a tradução de Geri L. Smith.

escreveram sobre isso, e falharam em dizer tudo que poderíamos saber sobre Fortuna. Mas nem por isso desistirei.

vv. 30-40

Tantos são os pratos que Fortuna me serviu, que tenho experiência para falar sobre ela. Logo, não calarei sobre o bem ou mal que eu tenho a dizer: tudo será criticado, sobre seus feitos, no tempo em que aprendi seus movimentos por casos diversos, infligidos por ela sobre mim e pelo que minha mente se tornou mais sutil do que fora no passado.

vv. 41-50

Se não tivessem ocorrido, eu não saberia sobre seus feitos, nem os teria percebido. Por isso, acertadamente pensamos que algo é bom, apesar de por vezes ser um infortúnio, pois ele às vezes nos ensina. Assim, não penso dizer tolices a quem, sem ouvidos surdos, saberá escutar o verdadeiro fim ao qual me quero dirigir.

II. Aqui fala a pessoa que escreveu este livro, como ela serviu à Fortuna, tal como será explicado adiante

vv. 51-66

Quero contar agora uma aventura que talvez a muitos parecerá impossível de acreditar. Porém, ainda que alguns me queiram desmentir, o que segue é verdade

provada, evidente e demonstrada, e realmente aconteceu comigo: eu tinha aproximadamente vinte e cinco anos de idade – e não foi um sonho – quando isto ocorreu, e sem mentiras contarei tal maravilha. Todavia, que ninguém se surpreenda, pois Fortuna, que tudo dissimula, que tudo faz e desfaz à sua maneira, realizou toda a transformação que vou aqui relatar.

vv. 67-88

E porque por ela foi causado, ninguém deve se surpreender do fato, pois ainda que ela saiba enganar, cada um pode muito bem perceber que ela tem o poder de governar e reinar tudo o que vemos no mundo. Seja ela vã e impura, sob sua mão jaz o mundo, no que toca às coisas transitórias. Perdas e vitórias pode dar: honra, riquezas e o contrário. E ela pode estranhamente conduzir coisas que parecem impossíveis e extinguir aquelas que parecem possíveis. Muitas vezes vemos que ela conduz as coisas ao seu contrário, e mesmo a forma dos corpos ela muda inesperadamente – o que é ainda mais surpreendente. Sua mudança é muito comum e seu poder infinito se estende sobre todas as coisas finitas.

vv. 89-100

Assim, contarei como eu vi Fortuna (que não é una para todas as pessoas) plenamente como se fora visível aos olhos, ainda que ela seja invisível. Com ela convivi e muitas infelicidades suportei, pois ela é uma grande rainha coroada, a mais temida que qualquer outra nascida. Ela possui uma corte vasta com pessoas de vários tipos. Se alguém quiser pode muito aprender ali, tanto o bem como o mal. [...]

vv. 123-138

Ora, direi como, para a satisfação de meus melhores amigos, como fui recebida em sua corte, onde permaneci por longo tempo. E quero declarar a vocês onde fica sua morada estranhamente construída, falarei também sobre seus modos diversos e como eu os vi, imperfeitos que são, enquanto me encontrava em sua corte, onde tantas aventuras ocorrem. O que eu aprendi ali, o que aconteceu comigo, e como Fortuna lembrou-se de mim quando decidiu socorrer-me diante de minha grande necessidade; e a ajuda que ela ofereceu quase não me foi suficiente.

vv. 139-156

Mas para fazê-los entender melhor o fim do processo ao qual quero chegar, direi quem sou, esta que vos fala, que de mulher se torna homem por Fortuna – que assim o quis. Assim, ela transforma meu corpo e face em um homem natural completo; de fato, eu, que fui mulher, agora sou um homem – e não minto, como bem demonstram meus passos. Assim, já fui mulher – e é verdade o que vos digo – mas narrarei como ficção o fato de minha transformação, de como sendo mulher me tornei homem. Quero que este poema seja intitulado, quando sua história se tornar conhecida, “A transformação de Fortuna”.

III. A autora fala quem foi seu pai e sobre o tipo de riqueza que ele possuía

vv. 157-181

Daquele que se quer bem conhecer, primeiramente deve-se dizer a qual sua origem, quem foram seus pais, se é pobre ou abastado, se é digno de renome, e então deve-se revelar seu nome. Assim, é preciso que eu o diga: nasci perto da Lombardia, em cidade muito conhecida – muitos viajantes sabem seu nome! Antigamente, o povo de Troia a fundou, e ela é belamente situada. Fui filha de um homem nobre e renomado, que foi dito filósofo; foi rico e muito sábio - quão maravilhosas foram suas posses! Muito se ouviu falar delas, pois ele não procurou esconder seu tesouro, já que esse tipo de riqueza é digna de louvor; tal virtude nenhum ladrão nascido poderia tomar para si, nem uma gota sequer. [...]

vv. 199-210

A cobiça não tem serventia aqui, nem o medo de perder seus bens, pois se trata de uma fonte que verte; aquele que mais dela bebe, mais terá. É de tal natureza esse tesouro, que ele nunca carecerá a nenhuma pessoa que dele seja rica, sem falta; por mais que lhe ocorram desfortunas, por onde ela andar, nada a poderá empobrecer, pois ela poderá em todos os lugares usufruir de seus tesouros.

IV. Aqui fala das pedras preciosas que seu pai possuía

vv. 211-235

De tais posses meu pai foi rico e abastado: belas pedras preciosas muito nobres e muito virtuosas que ele encontrou na fonte (guardando-as bem); ela fica no monte Parnaso⁴, feita a partir do pé de Pégaso. Lá as nove musas se divertem e educam diversos nobres estudantes. Ele frequenta tão cuidadosamente a fonte que o tesouros que já mencionei – e que valem mais que um título de nobreza – ele recebe em tamanha quantidade que se acumulam. Entre os ricos tesouros que meu pai possuía estavam duas pedras preciosas que eu muito estimo. Sem dúvida não há pedra granada ou rubi que as valha. Uma delas era tão virtuosa que nenhum rei ou imperador, desde o tempo do Rei Arthur, a possuiu. [...]

vv. 248-271

Sabes para que serve essa pedra? Quem a guarda com apreço não a perderá, e àquele que a mantém perto de si virá o conhecimento sobre o que está por vir. Aquele que a carrega se torna celestial – e não é mentira – e pode subir até as esferas e ao firmamento celeste⁵. Meu pai sem dúvida possuía essa pedra, pois conhecia todas essas virtudes e bem as utilizava. Diversas vezes previu sobre príncipes que reinam sobre a terra, sobre a paz ou a guerra, sobre ventos e águas torrenciais, sobre morte e fome que estavam por vir, ou sobre o tempo que faria.

⁴ Segundo a antiga mitologia grega, o monte Parnaso era uma das residências do deus Apolo e de suas musas.

⁵ Pizan se refere aos conhecimentos de astrologia que seu pai possuía. Sabe-se que o rei Carlos V costumava recorrer a Tommaso de Pisano para tomar decisões importantes.

Segundo o que a ele aparecia através dessa pedra, vislumbrava o céu onde giram os planetas.

vv. 272-288

Assim, ele sabia como eles revolvem, com seus zodíacos atrás. Sabia de cada um as virtudes de sua luz, sem falhar, e o quanto um era mais distante que o outro. Conhecia todos os cursos das estrelas, e podia nomeá-las todas. Isso o tornou tão famoso que todos diziam que ele frequentava o firmamento e, por isso, era honrado e admirado – Deus seja louvado! Foi bem-vindo entre príncipes, era amado e querido pela virtude dessa pedra, que valia mais que ouro, por São Pedro! [...]

V. Aqui fala de sua mãe

vv. 339-361

Minha mãe, foi grandiosa e mais corajosa que Pentesileia⁶ (Deus a modelou perfeitamente!). Em todos os aspectos supera meu pai: em inteligência, em poder e em valor, ainda que ele tenha aprendido muitas coisas. Ela foi rainha coroada logo que nasceu. Todos conhecem bem sua virtude e poder. É fato que ela nunca foi ociosa e, sem ser ruidosa a respeito, se ocupa de diversas tarefas. Provas de suas obras podem ser encontradas por toda parte e ainda cria muitas delas todos os dias. Aqueles que tentarem contá-las todas, as obras que ela fez e ainda faz,

⁶ Segundo a mitologia grega, Pentesileia foi uma rainha amazona.

levariam infinitos dias. Possui antiga sabedoria sem ter envelhecido, e sua vida não poderá esvanecer até o fim dos dias.

vv. 362-378

Deus lhe atribuiu o governo do mundo, de desenvolvê-lo e mantê-lo. Ele o fez para sustentar a vida da criatura humana; ela se chama dama Natureza⁷. Ela é mãe de todas as pessoas: Deus nos chama a todos de irmãos e irmãs. Agora que contei a vocês sobre meus pais, que são bem conhecidos, revelarei o meu nome (queiram sabê-lo ou não) ainda que ele seja pouco conhecido: para ser corretamente nomeado, ao nome do homem mais perfeito que já existiu deve-se acrescentar as letras I, N e E – e nenhuma outra mais⁸.

VI – Aqui conta como ela apenas colheu migalhas do tesouro de seu pai

vv. 379-400

Meu pai, de quem já falei aqui, desejou e almejou um filho homem, que pudesse sucedê-lo e herdar suas riquezas, as quais não reduzem de tamanho (como ele dizia, bem me lembro). Ele e minha mãe logo me conceberam com essa expectativa, mas sua espera foi frustrada, pois minha mãe – que foi muito mais

⁷ A apresentação da mãe de Pizan confunde-se aqui com Natureza, figura literária que representa uma força criadora dotada de intenção; presta-se a opor o natural aos costumes e o criado (por Deus) ao artefato (humano).

⁸ Temos o nome de Christine ao acrescentar “ine” ao nome de Cristo (*Christ*).

potente que meu pai⁹, queria ter uma filha parecida com ela. Nasci menina – essa é a verdade – mas minha mãe tanto fez por ele que eu me parecia muito com meu pai em todos os aspectos, fora o sexo – jeito de ser, corpo, face – a tal ponto que parecia que compartilhávamos todas as semelhanças.

vv. 401-419

Assim, fui chamada de filha; fui bem bem-criada e bem amada pela minha mãe com alegria, que tanto me amou e me cuidou tão afavelmente que ela mesma me amamentou tão logo me deu à luz; ternamente me cuidou durante toda minha infância e graças a ela cresci. Não tinha então preocupação ou inquietude se algo me faltava, senão brincar com crianças da minha idade, como era de costume. Porque nasci menina, não era acertado que eu devesse beneficiar dos bens de meu pai e herdá-los (tampouco as posses que se encontram fundo da fonte), mais por causa dos costumes da época que por direito.

vv. 420-438

Se o direito prevalecesse, a mulher não perderia nada disso, tampouco o filho. No entanto, em muitos lugares, estou certa disso, imperam mais os costumes que os direitos e, por essa causa, eu perdi sob todos os aspectos porque não aprendi como recuperar esse tesouro tão rico. Por isso esse costume me desagrada, pois se as coisas fossem de outro modo, penso que estaria hoje muito rica, repleta e cheia do tesouro encontrado na fonte, pois eu tinha a vontade e tenho ainda muito

⁹ Pizan se opõe à compreensão aristotélica segundo a qual um embrião do sexo feminino se forma devido ao caráter defeituoso da matéria. Cf. Aristóteles, *Geração dos Animais*, 737a25-35.

talento – que não é de ontem – para mergulhar profundamente nela. Desejo isso mais que qualquer coisa terrestre, mas meu desejo de nada vale por causa do costume mencionado. Que Deus o amaldiçoe!

vv. 439-468

Assim, sou como os amantes ardentes e cheios de desejo que sofrem ao ver ou ouvir sobre aquilo que gostariam de desfrutar. Eu me assemelho a eles nisso, pois desejo o que não possuo: o tesouro que o saber traz àqueles que amam possuí-lo. Ainda que eu fosse mulher (e por isso mesmo não pude possuir esse tesouro), pela minha verdadeira condição tinha uma inclinação a assemelhar-me ao meu pai; não pude me conter de furtar migalhas e farelos, centavos e trocados que caíram da grande riqueza que ele possuía em quantidade¹⁰. Ainda que eu tenha adquirido um pouquinho dela – apesar de meu enorme apetite – não obtive nada senão o que pelo furto pude pobremente acumular, como é visível em minha obra. O que tenho me traz grandes vantagens e me faz muito bem; nenhuma outra riqueza me pertence realmente, pois não importa quais perdas me tenha causado Fortuna, pérfida, ao menos isso me restou – e comigo permanecerá até minha morte.

¹⁰ Pizan se refere menos propriamente às dificuldades financeiras que teve que superar, mas sobretudo aos obstáculos às filhas de homens educados para receberem uma educação completa. Durante sua infância, Pizan provavelmente teve uma educação típica para jovens nobres. Apesar de seu pai incentivar sua inclinação para os estudos (cf. *O Livro da Cidade das Damas*, II, cap. XXXVI), sua educação foi interrompida quando se casou, aos 15 anos. Somente após a morte de seu marido Pizan pôde retomar sua vocação.

VII. Aqui conta como foi posta ao serviço de Fortuna

vv. 469-489

Minha mãe Natureza, a bela, cuida de mim até que me vi crescida. Então, quis atenciosamente pensar sobre meu progresso, já que eu não possuía nada daquilo que podemos adquirir do tesouro do conhecimento. Para que eu pudesse cuidar de mim mesma, ela quis que eu servisse a uma dama de família nobre. Não eram parentes próximos, mas em nada se pareciam; não foram feitas a partir das mesmas medidas, tamanha é a dessemelhança de suas figuras, faces, moralidade e naturezas. Essa dama, nobre e poderosa rainha, ainda que seja de origem estrangeira, se chama Dama Fortuna. Ela teceu para muitos uma teia tão resistente que ninguém mais sabe tecê-la e dela não conseguimos nos desvencilhar. Em sua corte minha mãe então me colocou.

vv. 490-508

Fortuna não foi hostil ou amarga comigo, mas me recebeu bem assim que me viu. Assim, na morada de minha dama Fortuna fui introduzida, mas não fui importuna de solicitar favores tão cedo, pois nessa época eu não tinha outra preocupação que brincar, pois era jovem; e não via ou percebia as coisas de modo que pudesse entender o ordenamento da corte, onde a alegria e a diversão são efêmeras. Todavia, se pouca é a alegria, não podemos por outra via obter vantagens ou subsistência senão por esse ordenamento, e por essa razão fui ali colocada, totalmente submetida à sua vontade.

vv. 509-534

Ali cuidaram de mim durante a infância, sem ser depreciada ou insultada. Então comecei a crescer e a me perguntar como poderia me submeter às vontades de minha dama e servi-la. Mas minha benevolente e carinhosa mãe, que nunca foi amarga comigo, não me esqueceu em hora de necessidade, mas se apressou a visitar-me e viu que era preciso pensar em meu bem-estar. Era tempo de progredir: casar ou noivar. Para isso, minha mãe graciosa queria-me bela, e assim me oferece suas joias. De modo algum se aparentam àquelas que se encontram no fundo da fonte, as quais são de grande excelência. No entanto, àquele que pode possuir ambas não faltará conhecimento. Juntas, são de grande beleza, mas as joias de minha mãe são oferecidas de graça, sem serem perseguidas; as demais, ao contrário, podem apenas serem adquiridas com grande esforço. [...]

X. Aqui conta como Fortuna a faz entregar uma mensagem

vv. 771-792

Ouçam como minha dama Fortuna se comportou quando viu que eu começara a aprender e a compreender o uso da razão: para que pudesse saber ainda mais sobre seus atos e percebê-los melhor, quis que eu me encarregasse de uma mensagem sua, ainda que eu fosse muito jovem. Então me agraciou com essa honra, como vocês verão em seguida. Essa dama tem um parente bem próximo, até ele vão muitas pessoas com boas intenções, já que minha mãe coloca à prova homens e mulheres para multiplicar a morada de dama Fortuna, onde cada um trabalha para fortalecer sua casa, que não é feita de gesso. Para evitar que nos

desviemos do caminho, lei e razão encontraram um caminho para este lugar ao qual fui enviada e notoriamente guiada.

vv. 793-807

Porém eu lhes digo que minha dama, dependendo se ela deseja o mal ou o bem às pessoas, compartilha seus bens, designa e os destina partes, sejam elas boas ou más, e envia às pessoas o bem ou o mal, tristeza ou alegria. Para lá minha dama quer mandar-me, e assim deu-me um navio, equipou-o e encheu-o com tudo de que era preciso para uma longa viagem. Queria para mim uma jornada honrosa e todo o necessário para uma viagem pelo mar. O navio foi rapidamente aprontado, pois minha dama, que me atribuiu sua mensagem, tinha pressa. [...]

vv. 890-910

Fomos até a cidade de Himeneu¹¹ (o que o deixou muito feliz), mas ele já sabia quais pessoas deveriam ir até ele), então deixou seu palácio para vir ao nosso encontro. Esse deus de grande estima soube se portar muito sabiamente. Ele leva consigo pessoas nobres, vestidas na mesma cor, cada qual demonstra sua alegria. Ali ressoaram instrumentos, que alegria era estar nesse lugar! Logo frente à porta estava esse deus; quando nos encontramos (eu ainda não havia adentrado seu palácio), ele me tomou pela minha mão nua e disse: “Seja bem-vinda, Filha! Recebo-te prontamente em nossa corte, a qual eu governo.

¹¹ Segundo a mitologia grega, Himeneu é o deus do casamento.

vv. 911-938

Eu o cumprimentei humildemente e entreguei minha mensagem – correta e lindamente – tal como me haviam encarregado. Creio que ali me desfiz do fardo, de modo que ele ficou satisfeito. Ele me estendeu um anel de ouro puro e amavelmente colocou-o em meu dedo, e a ele me sujeitei, pois é o costume que, quando uma mulher carrega consigo uma mensagem para esse deus, seja ela pobre ou rica, ele deve colocar um anel em seu dedo se quiser mantê-la em sua corte. Ele trouxe consigo um jovem belo e agradável e alegremente incumbiu-o de minha proteção, ordenou que cuidasse de mim na saúde e na doença, sem cessar e, enquanto em sua corte eu permanecesse, não deveria abandonar-me por outra, mas tratar-me como família. Então, o jovem prometeu-me, pela sua fé, ser um verdadeiro amigo, que me faria companhia e seria leal, como convinha; apreciei sua companhia, pois era belo de corpo e rosto [...].

vv. 975-984

Assim, adquiri nesse ser de quem vos falei um novo mestre. Tudo porém foi submetido à autoridade de Fortuna, que me preparou para a alegria, o prazer e o divertimento. Nem por um dia meu coração esteve cansado de estar ali – pelo contrário, o tempo pareceu-me curto. Por dez anos, Himeneu manteve-me em sua grande corte, onde desfrutei de todos os prazeres e compartilhei meus desejos. [...]

XI. Aqui fala sobre alguns milagres que Ovídio conta sobre seus deuses

vv. 1025-1042

É chegado o momento de contar-vos o estranho caso, o distinto relato (como prometi no primeiro livro, onde me apresentei) como de mulher tornei-me homem ao retornar à corte de Fortuna. Isso é algo extraordinário, e não é mentira nem invenção, mas falo através de metáfora, o que não exclui a verdade. Pois Fortuna possui o poder de operar milagres grandiosos sobre aqueles que lhe devem obediência; quando lhe apraz, transforma animais em senhores nobres a quem todos obedecem; transforma também cavaleiros em animais, quando ela quer. [...]

XII. Aqui conta como ela perdeu o capitão de seu navio

vv. 1159-1172

Ovídio fala sobre esse milagres¹², mas agora devo contar-vos sobre minha transformação que, pela visita de Fortuna fui mudada, de mulher em homem transmutada. Segui morando na corte de Himeneu, trabalhei em suas obras, e levei minha vida com satisfação. Mas creio que Fortuna invejou a tranquilidade que eu tinha, e quando percebeu isso veio ao meu encontro. Eu precisaria agora deixar minha tranquilidade para trás, pois não a pude desobedecer.

¹² Em suas *Metamorfoses*, Ovídio (43 a.C - 17/18 a.C) narra transfigurações de homens e deuses em animais e objetos.

vv. 1173-1192

Himeneu preparou então um grande navio, equipado e pronto para navegar e confiou-o a meu capitão; dentro dele colocou-me, junto ao meu lar, e então, com sua permissão, partimos sem perder tempo. Tão logo avançamos em alto mar, sem que em momento algum encontrássemos um vento desfavorável ou tempestade – mesmo se o tivéssemos, meu capitão, que tão sábio era, poderia navegar em qualquer tempo e bem conduzir o navio. Por diversos dias o hábil capitão nos conduziu com o vento; ele sabia reconhecer as estrelas e içar as velas corretamente para manter o navio em rota. Sem que nos ocorresse nenhum mal ou dificuldade, avançamos sem cessar.

vv. 1193-1201

Ai de mim! É chegado o momento que eu fale sobre o luto que prevaleceu sobre minha alegria naquele momento e me arrebatou – jamais poderei esquecê-lo. Assim, seguíamos em nossa viagem, navegando pelos mares, quando vi o céu escurecer e as nuvens engrossarem, ao ponto de não podermos enxergar nada. [...]

vv. 1223-1250

Oh, deuses! Não sei como descrever a dor que ainda hoje me aflige (pois lágrimas e suspiros atormentam meu coração e face, e meu sofrimento é redobrado pelos versos que rememoram esse evento tão penoso), mas devo-me alongar um pouco sobre isso. Assim, enquanto ele olhava para frente sobre a popa do navio, gritando que cada um se mantivesse em rota e se dirigisse à terra mais próxima,

nesse instante, um vento repentino e forte sopra e como uma broca faz girar o turbilhão, atingindo o navio e derrubando nosso bom capitão com tanta violência que o arrasta para longe, mar adentro. Nesse momento eu desejei estar morta! Não havia chance de socorrê-lo. O vento virou o navio de tal modo que acreditei que ele afundaria. Mas morrer não me pareceu amargo quando ouvi o grito dos marinheiros, que em alto tom berraram quando o viram ser engolido pelo mar, ele que costumava guiar o navio dia e noite, sem obstáculos ou dificuldades.

vv. 1251-1264

Quando soube que o que eu temia havia ocorrido, desci da popa onde me encontrava, levantei-me como uma mulher enfurecida, subi no convés e teria jogado-me ao mar e não falharia – ainda que me segurassem teria pulado. Nem mesmo Alcíone¹³ pulou mais rapidamente ao mar quando perdeu Ceix (a quem ela amava tanto) quanto eu teria tombado ao mar, que me teria levado. Porém fui impedida pelos membros do meu lar, que vieram correndo e gritando segurar-me, embora meu coração estivesse prestes a se desfazer. [...]

vv. 1311-1330

Mas nesse estado não permaneci, e dei muitos passos em terra firme faz algum tempo. Para ser breve, digo que meu luto foi tamanho, meu pranto foi tal e meus olhos choraram tanto que mesmo Fortuna teve pena de minha tristeza e quis

¹³ Segundo a mitologia grega, narrada nas *Metamorfoses* de Ovídio, Alcíone se joga ao mar quando sabe do afogamento de seu marido, Ceix, depois que seu navio é surpreendido por uma tempestade.

mostrar-se amiga, como boa mestre, e ajudar-me em minha aflição – e a ajuda foi maravilhosa! Não sei se ela não foi ainda mais perigosa. Por força de chorar longamente, uma vez totalmente despedaçada, permaneci como se morta estivesse. Numa tarde, adormeci. Então veio até mim minha mestre, que a alegria de muitos subtrai, e tocou meu corpo inteiro; cada membro, lembro-me bem, apalpa e os toma em suas mãos. Depois foi embora, deixando-me ali.

vv. 1331-1355

Enquanto nosso navio seguia pelas ondas do mar, ele bateu com força contra uma rocha. Despertei-me e certamente e sem nenhuma dúvida senti-me completamente transformada: senti meus membros mais fortes que antes, e a grande aflição e lamúria na qual ainda me encontrava foram praticamente anuladas. Assim, toquei meu próprio corpo completamente espantada, pois Fortuna não me detestou nesse momento, mas me transformou, pois subitamente muda o grande medo e a dúvida nos quais me via toda confundida. Assim, senti-me muito mais leve que o normal e senti que minha carne estava mudada e fortalecida, e minha voz estava muito mais grave, meu corpo enrijecido e mais veloz. Porém caiu do meu dedo o anel que Himeneu me havia dado, o que me causa pesar – como era para ser – já que eu o amava imensamente.

vv. 1356-1383

Assim, levantei-me prontamente, não me mantive mais na preguiça e no pranto que aumentava minha aflição. Vi-me com o coração forte e corajoso – o que me espantou – mas descobria que me havia tornado um verdadeiro homem; levantei-

me maravilhada pela aventura. Levantei meus olhos, por acaso, e vi a vela e o mastro destruídos; o tempo forte igualmente havia rompido as cordas e os cabos. Nosso navio estava severamente partido e rachado, por onde a água forçava sua entrada intensamente. Ele já estava tão carregado de água que, se não tivesse sido protegido pelas rochas contra as quais se chocou, teria afundado totalmente. Assim, quando o vi naufragar, eu mesma comecei a repará-lo; com pregos, almofariz e um forte martelo, reuni as tábuas. Coletei o musgo das rochas e em grandes pedaços enfiei-os entre as rachaduras, até que o deixei suficientemente impermeável. Juntei as bordas quebradas e esvaziei o fundo da embarcação.

vv. 1384-1394

Em resumo, pude então aprender todo o necessário para conduzir o navio e logo aprendi a instruir os marinheiros a salvá-lo. Assim, fui uma boa mestre – e precisava sê-lo – para socorrer a mim e aos meus, se eu não quisesse morrer ali. Ora, eu fui um verdadeiro homem (isso não é ficção) capaz de conduzir navios; Fortuna ensinou-me essa arte e nela me lancei.

vv. 1395-1408

Como vocês ouviram, ainda sou um homem, e o tenho sido por 13 anos inteiros, mas eu preferiria ser uma mulher, como eu era quando conversava com Himeneu. Mas, porque Fortuna me tornou outro, nunca mais poderei habitar esse corpo; homem permanecerei e junto à minha dama ficarei, ainda que em seu serviço encontrei tanto sofrimento que me abalaram. Mas devo seguir e viver até a minha morte – que Deus me livre dela com segurança! [...]

Referências

PIZAN, Christine de. *Le Livre de la mutacion de Fortune*. Paris: A & J Picard, 1959.

PIZAN, Christine de. *The Book of the Mutability of Fortune*. Toronto: Iter Press, 2017.

RICHARDS, Earl J. *Virile Woman and Womanchrist: The Meaning of Gender morphosis in Christine*, In: CORBELLARI, Alain et al. *Riens Ne M'est Seul Que La Chose Incertaine: Études Sur L'art D'écrire Au Moyen Âge Offertes À Eric Hicks Par Ses Élèves, Collègues, Amies Et Amis*. Genève: Slatkine, 2001, p. 239-252.

WILLARD, Charity C. *Christine De Pizan: Her Life and Works*. New York: Persea Books, 1990.

Referência para citação desta tradução

SCHMIDT, Ana Rieger. O *Livro da transformação de Fortuna*, de Christine de Pizan. **Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**, Porto Alegre, volume 2, número 2, p. 578 – 600, novembro de 2020.